

**INTERPRETAÇÃO  
SIMULTÂNEA  
REMOTA  
EM CONFERÊNCIAS  
DURANTE A  
PANDEMIA  
DE COVID-19:  
DIMENSÕES DE  
UMA PRÁTICA  
EMERGENTE**

**INTERPRETACIÓN REMOTA SIMULTÁNEA EN CONFERENCIAS DURANTE LA PANDEMIA  
COVID-19: DIMENSIONES DE UNA PRÁCTICA EMERGENTE**

**REMOTE SIMULTANEOUS INTERPRETATION AT CONFERENCES DURING THE COVID-19  
PANDEMIC: DIMENSIONS OF AN EMERGING PRACTICE**

**Vinícius Nascimento\***

Universidade Federal de São Carlos

**Tiago Coimbra Nogueira\*\***

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

\* Doutor e Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP e Bacharel em Fonoaudiologia pela mesma instituição. Professor Adjunto II do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: nascimento\_v@ufscar.br

\*\* Doutorando e Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Bacharel em Letras Libras (UFSC). Professor Assistente do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: tiago.coimbra@ufrgs.br .

RESUMO: Esse artigo tem como objetivo apresentar uma análise descritiva de estratégias de interação utilizadas por equipes de intérpretes de Libras-Português na interpretação simultânea remota de conferências durante a pandemia de COVID-19. São analisadas interações estabelecidas entre oito intérpretes em onze conferências apreciativo-informativas do tipo acadêmica e cultural realizadas no período de maio a dezembro de 2020. A análise revela a mobilização de estratégias específicas ligadas à (i) preparação, quando os profissionais precisam adequar estruturas para atuar de suas residências e instruir às equipes de apoio técnico de transmissão sobre as janelas de Libras e as formas de revezamento dos intérpretes; (ii) à interpretação, quando a equipe de intérpretes precisa se comunicar sem prejudicar a transmissão; e (iii) avaliação, quando os intérpretes buscam sistematizar as experiências de interpretação em comunidades de práticas a fim de garantir a construção de normas e orientações coletivas para esse tipo de atuação.

PALAVRAS-CHAVE: Interpretação remota. Libras. Conferência. Pandemia. Trabalho em equipe.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo presentar un análisis descriptivo de las estrategias de interacción utilizadas por equipos de intérpretes de Libras-Portugués en interpretación remota simultánea de conferencias durante la pandemia COVID-19. Se analizan las interacciones establecidas entre ocho intérpretes en once jornadas académicas y culturales apreciativo-informativas celebradas de mayo a diciembre de 2020. El análisis revela la movilización de estrategias específicas relacionadas con (i) la preparación, cuando los profesionales necesitan adecuar estructuras para trabajar desde sus hogares e instruir a los equipos de soporte técnico de transmisión sobre el espacio de la pantalla donde está la traducción y las formas de alternancia de los intérpretes; (ii) interpretación, cuando el equipo de intérpretes necesita comunicarse sin comprometer la transmisión; y (iii) evaluación, cuando los intérpretes buscan sistematizar experiencias de interpretación en comunidades de práctica para garantizar la construcción de normas y pautas colectivas para este tipo de actuación.

PALABRAS CLAVE: Interpretación remota. Libras. Conferencias. Pandemia. Trabajo en equipo.

ABSTRACT: This article aims to present a descriptive analysis of interaction strategies used by teams of Libras-Portuguese interpreters in remote simultaneous interpretation of conferences during the COVID-19 pandemic. Interactions established between eight interpreters in eleven academic and cultural appreciative-informative conferences held from May to December 2020 are analyzed. The analysis reveals the mobilization of specific strategies related to (i) preparation, when professionals need to adapt structures to work from their homes and instruct the technical transmission support teams about the Libras space in screen and the ways in which interpreters are shifted; (ii) interpretation, when the team of interpreters needs to communicate without jeopardizing transmission; and (iii) the assessment when the interpreters somehow try to systematize the experiences in communities of practices in order to guarantee the construction of collective norms and guidelines for this type of performance.

KEYWORDS: Remote interpretation. Brazilian Sign Language. Conference. Pandemic. Team work.

## 1 INTRODUÇÃO

*O trabalho foi sempre apreendido na mudança.*

Yves Schwartz

O conturbado ano de 2020 foi um marco para a humanidade devido à pandemia de COVID-19 causada pelo novo coronavírus. A vida social como um todo foi impactada pelos novos modos de relações interpessoais e de comunicação que foram impostas pela alteração abrupta da vida cotidiana.

Dentre as dimensões da existência que foram extremamente alteradas com essa nova realidade, o trabalho, como um todo, destaca-se de modo significativo. Tanto as interações quanto os espaços de realização das atividades laborais foram impactados pelos rearranjos impostos pelo distanciamento social e pelas medidas sanitárias. Todos os setores, sem exceção, foram obrigados a pensar em mudanças bruscas na estrutura e na rotina e os trabalhadores, por sua vez, precisaram se submeter a essa reestruturação.

Alguns setores, rapidamente, adotaram o trabalho remoto, ou *home office*, que corresponde às “[...] atividades de trabalho realizadas, geralmente, a partir de casa e mediadas por tecnologias informacionais [...]” (OLIVEIRA, 2017, p. 58), interpelando

trabalhadores que, antes da pandemia, deslocavam-se geograficamente para trabalhar, a transformar suas casas em seus ambientes profissionais.

Para Silveira, Rossi e Vuono (2020, p. 4), durante a pandemia, a casa tornou-se, para o trabalhador, o espaço em que se realizam quase que a totalidade das atividades humanas essenciais, pois, para além de ser um espaço habitacional, a residência converteu-se “[...] no local em que o trabalhador desempenha suas atividades laborais e realiza as atividades mais elementares da vida humana (lazer, pausa, intervalo e descanso, atividades físicas e alimentação)”.

Segundo pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Administração (MELLO, 2020) em abril de 2020 com 139 pequenas, médias e grandes empresas no Brasil, o trabalho remoto foi estratégia adotada por 46% das empresas participantes do estudo durante a pandemia. Entretanto, 34% das empresas encontraram barreiras na implantação do trabalho remoto pela falta de familiaridade dos trabalhadores com ferramentas de comunicação tecnológicas.

Para Reis (2021), a realidade do *home office* adotado quase que unilateralmente por empresas e instituições corporativas, obrigando trabalhadores a executar as tarefas à distância tem mudado não apenas a organização do trabalho, mas principalmente o cotidiano de mulheres e homens em suas atividades laborais. O autor destaca ainda que a proliferação dessa modalidade de trabalho devido ao isolamento social tem gerado novas questões e desafios para os trabalhadores, pois “[...] o trabalho remoto ou *home office* não é um ‘novo trabalho’, é apenas um modo de organização do trabalho [...]” (REIS, 2021, p. 76). Ou seja, os trabalhadores precisam continuar a realizar as mesmas tarefas e atividades, mas em um novo formato.

Das categorias de trabalhadores que foram extremamente impactadas com toda esta mudança abrupta, estão os intérpretes de língua brasileira de sinais (Libras)-Português, agentes da promoção dos direitos linguísticos<sup>1</sup> das minorias surdas brasileiras que, majoritariamente, antes da pandemia, atuavam de forma presencial na mediação comunicacional em contextos de serviços públicos, associativos, familiares, religiosos, empresariais, dentre outros.

A fim de continuar a garantir o acesso da comunidade surda aos diferentes contextos sociais, bem como a canais de comunicação sobre a própria pandemia, os intérpretes de Libras-Português transformaram suas residências, impelidos tanto pelas instituições em que atuam quanto pela realidade autônoma de atuação, em verdadeiros estúdios de imagem em som para permitir a interpretação de aulas, atividades artístico-culturais, reuniões, cultos religiosos e conferências de diferentes tipos.

Como profissionais da comunicação que lidam com línguas de diferentes modalidades (gesto-visual e vocal-auditiva) (RODRIGUES, 2018), a adaptação de *home office* desses intérpretes envolveu estruturas mais complexas do que um espaço reservado com ponto de internet, mesa e um computador. Segundo Nascimento *et al.* (2020, p. 68),

[...] muitos profissionais viram-se, da noite para o dia, tendo que criar estratégias, aprender a lidar com plataformas e estruturas de áudio e vídeo para fazer com que a interpretação acontecesse com alguma qualidade. Todavia, diferente dos intérpretes de línguas vocais que precisam de uma estrutura mais ligada à produção e transmissão de voz, os intérpretes de língua de sinais precisam garantir uma transmissão da sua imagem visto que, conforme dito, o texto de línguas dessa modalidade é acessado com a visualização do corpo do intérprete. Por isso, a estrutura demandada dos intérpretes de língua de sinais é mais parecida com a de um estúdio de filmagem.

A chamada *interpretação remota* que, no sentido mais restrito, se refere à possibilidade de ter acesso a uma interpretação por meio de algum recurso tecnológico para mediação quando o intérprete não está no mesmo local de todos os interlocutores da comunicação (MOUZOURAKIS, 2003, 2006; MOSER-MERCER, 2005; ALLEY, 2012; BRAUN, 2015), foi a forma como os intérpretes de Libras-Português passaram a atuar de forma mais intensa na pandemia.

<sup>1</sup> Segundo Abreu (2020), a noção de direito linguístico começou a ser gestado a partir do final da Segunda Guerra Mundial e da promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, mas ganha força com o Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos, com o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos Sociais e Culturais e com a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos. Esse conceito pode ser definido como “[...] o direito de cada indivíduo de aprender e de desenvolver a língua materna, de receber educação pública através dela, usá-la em contextos oficialmente relevantes e de aprender pelo menos uma das línguas oficiais de seu país de residência” (ANTUNES, 2006, p. 264).

A interpretação remota não é novidade no cenário da interpretação interlíngua (MOSER-MECER, 2005), mas, conforme afirmam Nascimento *et al.* (2020), apesar de ser realidade nos Estados Unidos e na Europa, essa prática foi imposta aos intérpretes brasileiros de forma massiva com a pandemia causada pelo novo coronavírus. Antes desse período, situações de interpretação do par Libras-Português ocorriam como, por exemplo, nas Centrais de Interpretação de Libras (CILs)<sup>2</sup> de alguns municípios que ofereciam o atendimento remoto para ligações e contatos de surdos em espaços de atendimento público. No entanto, nas CILs os intérpretes não atuam de suas próprias casas, mas em um local que reunia todos os profissionais nos mesmos moldes das centrais de teleatendimento. Com a pandemia, os desafios impostos aos intérpretes que atuam com o par Libras-Português envolvem desde a estruturação física do ambiente de trabalho em suas próprias residências até as formas de gestão da informação passando, também, pelas relações estabelecidas entre a equipe de interpretação e os modos de apresentação de produção dos discursos nas duas línguas.

A interpretação remota de Libras-Português, especialmente a simultânea, na pandemia tem sido observada e descrita em ambientes educacionais (SANTOS, 2020; MARQUES, 2020; SPARANO-TESSER, 2020), especialmente porque a maior parte das instituições de educação passaram a adotar o chamado ensino remoto pela quebra na regularidade da rotina de atividades educacionais presenciais, desde a educação infantil até a educação superior (VOGES; DI FANTI, 2020). Como a esfera educacional é o contexto de maior atuação de intérpretes de Libras-Português (NASCIMENTO, 2020), é natural que os primeiros estudos sobre essa modalidade de atuação estejam ligadas à essa esfera.

Entretanto, com o advento da nova realidade e do uso da tecnologia, um outro contexto que foi impactado foram as conferências que vivenciaram, como praticamente todos os contextos, a transição do presencial para o virtual. A visibilidade das transmissões de conferências na internet escancarou, também, a questão da acessibilidade para surdos, o que demandou dos organizadores desses eventos uma busca mais significativa pela interpretação simultânea remota do par Libras-Português.

Este artigo, nesse sentido, tem como objetivo apresentar uma análise descritiva de estratégias de interação utilizadas por equipes de intérpretes de Libras-Português durante a interpretação remota de conferências. Nos interessa compartilhar estratégias utilizadas por equipes de intérpretes para gerenciarem sua interação com os colegas de trabalho, equipe técnica, uso das tecnologias e plataformas de áudio e vídeo.

## 2 INTERPRETAÇÃO DE CONFERÊNCIAS NO BRASIL: PARA ALÉM DAS LÍNGUAS DE PRESTÍGIO SOCIAL

A interpretação de conferências, enquanto prática profissional, inicia no começo do século XX, ao final da Primeira Guerra Mundial, com as Conferências da Paz. Entretanto, segundo Pagura (2010), o impulso dessa atividade de trabalho acontece após a Segunda Guerra com a criação da Liga das Nações e de organizações internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), embrião da atual União Europeia. A necessidade de ter reuniões cada vez maiores com participantes de diversos idiomas estimulou a criação de tecnologias para apoiar a interpretação simultânea de conferências. As primeiras tentativas ocorreram em 1928 na Conferência da OIT, mas foi durante o julgamento de Nuremberg em 1944 e 1945 que a interpretação simultânea se consolida e passa a ser usada sistematicamente em conferências.

No Brasil, a interpretação de conferências inicia formalmente no final da década de 1940 quando o país passou a atrair congressos, reuniões e conferências de natureza internacional sobre os mais variados temas. Os intérpretes brasileiros, conforme mostra Pagura (2010), desde o início atuam de forma freelance devido a não haver no Brasil cargos oficiais de intérpretes de conferências permanentes, conforme existe em outros países, especialmente na Europa.

<sup>2</sup> Para mais informações sobre o trabalho das Centrais de Intérpretes de Libras ver o trabalho de Jesus (2017), intitulado “*Ei, aquele é o intérprete de libras?*”: atuação de intérpretes de libras no contexto da saúde”

Gile (2004) destaca que a interpretação de conferência é a que goza de maior remuneração e prestígio. Os intérpretes de conferência que trabalham exclusivamente com línguas vocais-auditivas normalmente atuam em reuniões organizadas por empresas internacionais, grandes organizações, corporações industriais, em programas de rádio e televisão e para órgãos governamentais de alto nível.

No contexto brasileiro, o início da interpretação de conferências está atrelado ao uso do inglês como língua oficial de comunicação de instituições internacionais sendo, portanto, a língua adotada em boa parte dos eventos por eles realizados. Por essa razão, durante muito tempo o sintagma *interpretação de conferências* se remetia quase que exclusivamente à interpretação de línguas vocais-auditivas estando, portanto, historicamente, ligada a espaços considerados de maior importância e prestígio social.

Todavia, com o advento das políticas públicas voltadas às pessoas com deficiência no Brasil, especialmente com a Lei de Acessibilidade 10.098/00 e, posteriormente, com os documentos legais que se centram mais nos direitos linguísticos das pessoas surdas, como a Lei 10.436/02, o Decreto 5.626/05 e a Lei 13.436/15, a interpretação de conferências passou a ser adotada também em eventos nacionais em diferentes instituições, sobretudo públicas. Entretanto, diferente do que, geralmente, acontece com intérpretes de conferências que atuam apenas com línguas vocais-auditivas, os intérpretes que atuam com a comunidade surda mobilizam duas línguas nacionais: a Libras e o Português.

Além das políticas públicas linguísticas, educacionais e inclusivas, o avanço de pesquisas acadêmicas sobre a Libras do ponto de vista linguístico, educacional e tradutório impulsionou a atuação de intérpretes em conferências acadêmicas em instituições de pesquisa e de ensino superior. A contratação de funcionários surdos em empresas nacionais e multinacionais impulsionadas pela Lei de Cotas 8.213/91 também foi um fator que contribuiu para a atuação de intérpretes em conferências corporativas e de diferentes naturezas em empresas e indústrias.

Esses acontecimentos no contexto brasileiro têm permitido a expansão de pesquisas sobre a interpretação de Libras em conferências, mesmo sendo, ainda, considerada uma prática periférica e não englobada por alguns pesquisadores do tema. Pereira (2018), respondendo a constantes afirmações e avisos no artigo *Estudos da Interpretação: tendências atuais da pesquisa brasileira*, de Cavallo e Reuillard (2016, p. 358), de que não seriam “[...] contabilizadas as pesquisas sobre tradução e interpretação envolvendo línguas de sinais”, mostra que, se somadas as pesquisas de interpretação de língua de sinais, haveria um aumento de 75% de dados bibliométricos de artigos, teses e dissertações no período analisado pelas autoras, conforme mostra quadro abaixo:

**Quadro 1:** pesquisas sobre interpretação no Brasil

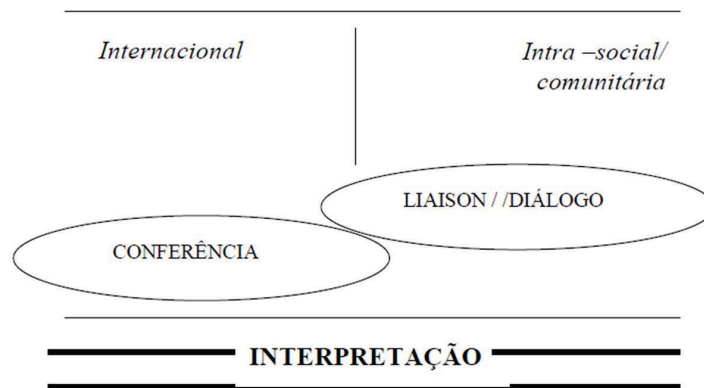
De 1990 a 2015	LÍNGUAS ORAIS	LÍNGUAS DE SINAIS	TOTAL
Artigos	21	36	57
Dissertações	7	26	33
Teses	3	3	6

**Fonte:** Pereira (2018, p. 14)

Nessa esteira, apesar da narrativa histórica sobre a interpretação como prática profissional estar, quase sempre, ancorada na atuação de intérpretes de conferências que atuam com línguas vocais-auditivas, em especial o inglês, Pöchhacker (2004) destaca a importância da interpretação de língua de sinais, bem como da produção de pesquisas sobre o tema, para a consolidação da interpretação enquanto atividade profissional em todo o mundo.

Segundo o autor, enquanto a interpretação de conferências, nas décadas de 1960 e 1970, ainda buscava se marcar como objeto específico acoplado aos Estudos da Tradução iniciando discussões sobre formação e prática, as pesquisas e estudos sobre a interpretação de língua de sinais ganhavam força e se consolidavam como campo específico especialmente pelo avanço das políticas de assistência social, acessibilidade e inclusão de surdos nos Estados Unidos.

Em outra publicação, Pöchhacker (2010), ao discutir paradigmas e convergências nos Estudos da Interpretação, faz um interessante apontamento sobre os cenários e formatações de prática profissional dos intérpretes. Segundo ele, a interpretação pode ocorrer em dois cenários: ‘intra-social’, ou baseada em cenários comunitários, e internacional e, do ponto de vista interacional, prototipicamente multilateral como acontece em conferências e em situações de diálogos face-a-face. “Tomar essas duas dimensões conceituais como base permite levar em conta muitas diferenciações intermediárias, incluindo eventos similares a conferências dentro de comunidade (especialmente envolvendo surdos) ou interpretação de diálogos, em diplomacia” (PÖCHHACKER, 2010, p. 63). O autor ilustra essa configuração com a seguinte figura:



**Figura 1:** configuração da interpretação a partir dos cenários da interação

**Fonte:** Pöchhacker (2010, p. 63)

A abordagem de Pöchhacker (2010) permite observar o problemático apagamento da interpretação de língua de sinais em conferências no âmbito dos Estudos da Interpretação, principalmente no Brasil, criando uma falsa ideia de que a interpretação de conferências estaria ligada, apenas, a eventos internacionais com línguas vocais-auditivas<sup>3</sup>. Na ilustração de Pöchhacker (2010) é evidenciada, com algumas limitações, é verdade, que existem conferências comunitárias que demandam a atuação de intérpretes, como é o caso dos intérpretes de língua de sinais. Essa configuração aponta para a necessidade de estudos e pesquisas para compreender as especificidades da prática profissional de intérpretes de língua de sinais em conferências.

O tema da interpretação de conferências tem sido interesse de pesquisas mais recentemente no contexto brasileiro, como mostra Gomes (2019) que analisou os anais do Congresso de Pesquisas de Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa organizado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A partir de uma abordagem qualitativa, o pesquisador mostra que os quatro trabalhos encontrados nos anais do congresso apontam o contexto de conferências como um espaço bastante significativo para o aumento de pesquisas visto que “[...] devido a demandas de acessibilidade, o contexto de conferência é um crescente espaço para o exercício profissional de intérpretes de Libras-Língua Portuguesa do Brasil [...]” (GOMES, 2019, p. 136).

Nogueira (2020a), observando o crescimento dos estudos sobre interpretação de conferência no Brasil, apresenta um levantamento de seis dissertações e uma tese que discutem a interpretação de Libras-Português em conferências na última década visibilizando, novamente, a importância da interpretação de língua de sinais na produção de pesquisas sobre o tema.

**Quadro 2:** pesquisas sobre interpretação de Libras-Português em conferências no Brasil

ANO	AUTOR	TÍTULO	INSTITUIÇÃO
-----	-------	--------	-------------

<sup>3</sup> Algumas mudanças têm sido observadas no cenário brasileiro em relação a isso como, por exemplo, a realização do Congresso de Estudos da Interpretação organizado pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) que, desde a sua primeira edição, busca promover uma interação entre pesquisadores que atuam com línguas vocais-auditivas e línguas gesto-visuais. Um outro movimento significativo que aponta para mudanças nessa direção é a admissão de intérpretes que atuam com o par Libras-Português na Associação Profissional de Intérpretes de Conferências (APIC) a partir de 2021. A APIC, a primeira associação de intérpretes do Brasil, contribui significativamente ao receber intérpretes de Libras em seu rol de membros para o reconhecimento social e profissional de intérpretes de conferências que atuam com línguas sinalizadas em nosso país.

2014	Diego Maurício Barbosa	Omissões na interpretação simultânea de conferência: língua portuguesa - língua brasileira de sinais.	UFSC
2016	Tiago Coimbra Nogueira	Intérpretes de libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine	UFSC
2016	Kátia Andréia Souza dos Santos	O intérprete de libras no contexto de conferência: reflexões sobre sua atuação	UFSCar
2018	Ricardo Ferreira Santos	A autoria na interpretação de Libras para português: aspectos prosódicos e construção de sentido na perspectiva verbo-visual	PUC-SP
2020	Dhenny Kétully Santos Silva Aguiar	Um estudo descritivo sobre a atuação de intérpretes de língua de sinais em um contexto de conferência multilíngue.	UnB
2020	Eduardo Andrade Gomes	Interpretação simultânea em conferência acadêmica: a reformulação de nomes de pessoas da libras para o português	UFSC
2020	Diego Maurício Barbosa	Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: língua portuguesa – língua brasileira de sinais em contexto de conferência	UFSC

Fonte: Nogueira (2020a)<sup>4</sup>

Esses estudos revelam não apenas o aumento do interesse pelo tema no campo das pesquisas científicas, mas, também, para as especificidades das conferências que os intérpretes de Libras-Português costumam atuar. Santiago (2016) apresenta duas tipologias para a interpretação de conferências desse par linguístico, a saber: *conferências apreciativo-informativas* e *conferências colaborativas-deliberativas*. De acordo com a autora, “[...] a esfera de conferências, em se tratar da atuação do intérprete de língua de sinais, a distinção entre o contexto de atuação e as demandas atribuídas a este contexto devem ser observadas [...]” (SANTIAGO, 2016, p. 5).

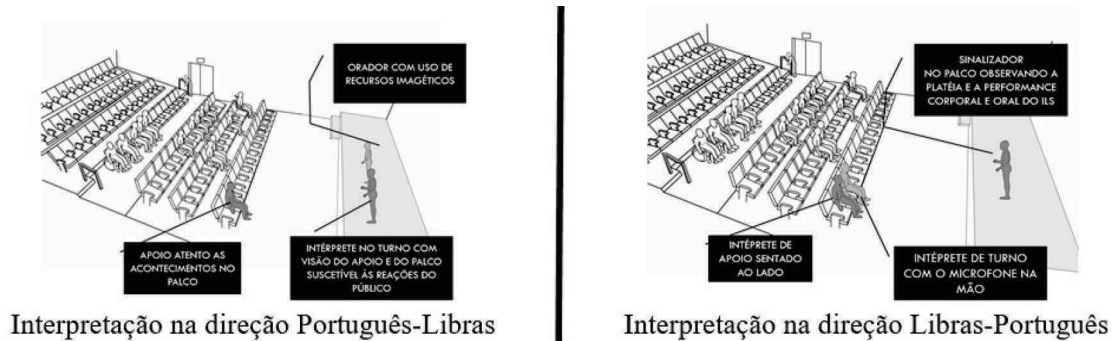
A tipologia apresentada pela autora tem relação com alguns fatores de caráter operacional e interacional. Nas conferências *apreciativas-informativas*, os discursos são predominantemente monológicos, ou seja, o orador fala sem interrupções e interações com a plateia durante sua fala. Entram nessa categoria conferências acadêmicas, palestras, eventos de grande porte, eventos internacionais dentre outras. Nas conferências do tipo *colaborativas-deliberativas*, de caráter mais dialogal e que possuem maior ocorrência em instituições públicas para discussão, decisão e deliberação de documentos e políticas, há um esforço maior, pois, o intérprete deve ficar atento para que possa proporcionar a participação das pessoas surdas na interação e nas deliberações. Conforme Santiago (2016, p. 6), “[...] o tempo de resposta é dentre as demandas do intérprete uma preocupação evidente para este grupo, assim como a necessidade de alternância na interpretação de enunciações de diferentes participantes, com discursos que não se apresentam de forma fluída e que por muitas vezes com base em pensamentos e ideologias que se contrapõem”.

No cenário pré-pandemia, quando a interpretação de Libras-Português em conferências acontecia em formato presencial, os intérpretes, dado o caráter gesto-visual de uma das línguas, eram mais percebidos visualmente do que os intérpretes de línguas-vocais auditivas que, tradicionalmente, atuavam em cabines sem contato direto com o público.

Segundo Nascimento e Nogueira (2017), na interpretação na direção Português-Libras, os intérpretes se posicionavam no palco, diante do público, geralmente ao lado do orador, sendo percebido por todos os presentes no evento. O intérprete de apoio, aquele que oferece algum suporte para o intérprete de turno, que está na interpretação, ficava na primeira fileira para que o colega pudesse ter boa visualização dele e absorver os apoios que eventualmente o colega poderia oferecer. Na direção contrária, Libras-

<sup>4</sup> Dados apresentados em conferência no II Encontro Baiano de Tradutores, Intérpretes e Guias-intérpretes de Línguas de Sinais realizado remotamente em 2020.

Português, o intérprete se sentava à frente do sinalizador com um microfone na mão enquanto o intérprete de apoio sentava ao lado dele. Embora o destaque vá para a voz do intérprete, era possível localizá-lo entre os presentes no auditório, conforme mostram as figuras abaixo:



**Figura 2:** Disposição espacial da interpretação de conferências em contextos presenciais

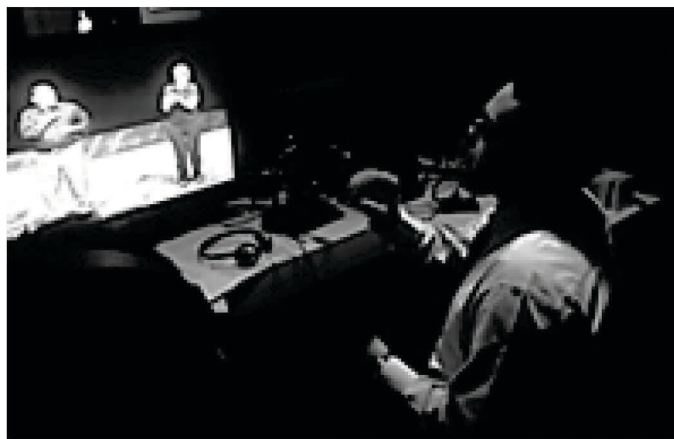
**Fonte:** Nascimento e Nogueira (2017)

Nessa configuração de atuação, os intérpretes precisam lidar com diferentes demandas durante a interpretação que estão atreladas desde o posicionamento até o acesso ao discurso que precisa ser interpretado. Santos e Lacerda (2018), em pesquisa com intérpretes de Libras-Português de conferências, mostram que, dentre as dificuldades apontadas pelos profissionais que atuam nesse contexto, o posicionamento no palco, no caso da atuação na direção Português-Libras, é um dificultador devido ao fato de que

[...] o intérprete tem a necessidade de virar-se para ver informações projetadas em slides ou para visualizar o palestrante. Esse aspecto indica a necessidade de soluções para que o intérprete não precise movimentar-se para enxergar o que é projetado. Uma cópia da tela de projeção situada à frente do intérprete, ou outros arranjos possíveis, poderiam minimizar essa dificuldade encontrada em função do local de atuação do profissional (SANTOS; LACERDA, 2018, p. 80).

Na direção contrária, Libras-Português, Albres (2010, p. 293) mostra que um dos desafios está mais ligado ao uso da voz, com destaque para a entoação, visto que “[...] nesse tipo de interpretação o profissional não fica entre o emissor e o receptor, o destaque vai para o sinalizador e não para o intérprete. Assim, sua voz deve passar a credibilidade e segurança para os ouvintes”.

Desde 2014, a interpretação de conferências, especialmente na direção Libras-Português, passou a acontecer também em cabines no Brasil, tal como na interpretação de línguas vocais-auditivas, em alguns eventos acadêmicos. Nogueira (2016), em sua dissertação de mestrado, realizou a primeira descrição de uma interpretação de conferências de língua de sinais em cabines no Brasil que, dentre outros fatores, diferencia-se do formato supra apresentado especialmente em relação ao trabalho em equipe.



**Figura 3:** Interpretação de Libras-Português em cabine



Fonte: Nogueira (2016, p. 132)

Dada a configuração diferente do que habitualmente acontecia, os intérpretes que atuaram em cabine no contexto analisado apresentaram sete formas de realização de apoio. Segundo o autor,

[...] os dados mostram ainda que os intérpretes estavam engajados em mobilizar recursos para que a interpretação acontecesse com maior qualidade possível; evidenciam ainda que os intérpretes se sentiram à vontade dentro da cabine. Acreditamos que provavelmente se esses profissionais não estivessem nesse espaço, protegido da visão geral do público, a ocorrência de apoios com sinais ou soletração ocorreriam com menor frequência. (NOGUEIRA, 2016, p. 126-7)

Diante do contexto pandêmico vivido a partir de 2020 os eventos online aparecem como uma solução para o distanciamento social. Eventos de diversas naturezas começaram a explorar essa modalidade para a realização de seus encontros e seguem com suas programações. As conferências conseguiram, com certa tranquilidade, migrar para essa modalidade utilizando plataformas de áudio, vídeo e de videochamadas que acabaram ficando mais populares nesse período de isolamento social.

É nesse cenário que uma nova configuração da atuação de intérpretes de Libras-Português em conferências emerge. Se antes da pandemia, na atuação presencial, os desafios estavam ligados ao posicionamento no palco ou no auditório e nas especificidades das formas de interação na cabine, no contexto remoto a transmissão da imagem pela internet, a gestão do equipamento durante a interpretação, o contato entre a equipe de interpretação e a preocupação constante para que tudo ocorra bem são fatores que implicam novas configurações de atuação profissional na interpretação de conferências.

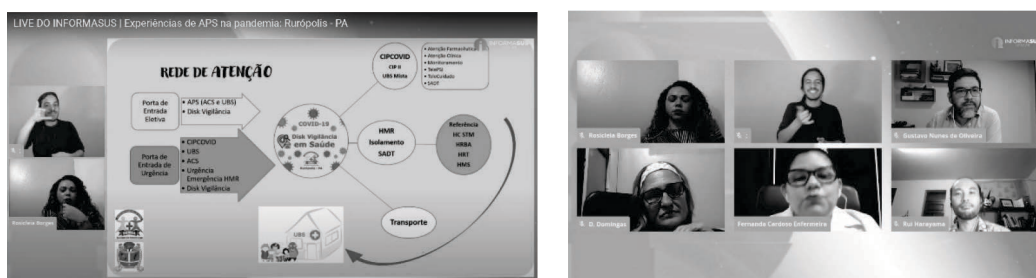


Figura 4: interpretação remota de Libras em conferências

Fonte: Nascimento *et al.* (2020, p. 79)

A interpretação remota facilita a realização das conferências e permite que elas sejam acessíveis às pessoas surdas, mas lidar com a tecnologia se torna um desafio para os intérpretes. Logo no início da pandemia era comum relatos de intérpretes em diferentes espaços comunitários, associativos e profissionais que sinalizavam certa resistência à interpretação remota, justificando que além de terem que lidar com tecnologias que desconheciam, fatores psicológicos impactavam de maneira negativa o desempenho na interpretação.

Para Alley (2012), esse é um tipo de atuação que demandaria formação específica devido o envolvimento de uma série de outros fatores ligados à realização da interpretação. A autora mostra que, por isso, alguns profissionais resistem a essa forma de trabalho porque nem sempre há um treinamento mínimo oferecido aos profissionais e aos usuários. Com isso, os participantes sentem-se confusos sobre como proceder com uma interação interpretada remotamente, o que faz com que haja mais estresse em todos os envolvidos na situação comunicativa, especialmente no intérprete que precisa gerenciar aspectos que, no presencial, não precisaria. A ausência de equipamentos ou falta de familiaridade com a tecnologia podem ser fatores que levam os intérpretes a não se sentirem totalmente confortáveis no oferecimento do serviço.

#### 4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Os dados para este estudo foram gerados a partir da experiência de interpretação simultânea remota adquirida pelos autores deste texto conjuntamente com outras seis intérpretes no período de maio a dezembro de 2020 em onze conferências apreciativo-informativas do tipo acadêmica e cultural. O estudo é baseado em registros realizados pelos autores em diários de interpretação, vídeos e fotos. As conferências analisadas aqui foram escolhidas por serem as que os participantes atuaram em equipe, com no mínimo dois profissionais, e que foram transmitidas ou depositadas em repositório de vídeos públicos como o *YouTube*. Os participantes do estudo, incluindo os autores, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e um Termo de Uso de Imagem autorizando a publicação de suas imagens nesse artigo. Nesse sentido, a abordagem aqui apresentada é qualitativa e de caráter analítico-descritivo. Segundo Gil (2019), as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática.

Como os autores da pesquisa compõem, também, o grupo de sujeitos participantes das situações descritas e analisadas, um movimento teórico-metodológico de deslocamento enunciativo-discursivo foi necessário. Considerando que todas as formas de linguagem são produzidas na interação real e concreta entre sujeitos sociais e históricos (VOLOCHÍNOV, 2017), foi necessário vivenciar, neste estudo, o que o filósofo russo Mikhail Bakhtin (2010) denominou de *extraposição* para ver aquilo que não seria possível ver de dentro da situação vivenciada. Segundo ele,

[...] esse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim. (BAKHTIN, 2010, p. 22)

Quando a posição dos pesquisadores coincide com as dos sujeitos da pesquisa, um necessário movimento de alteridade que faça emergir a diferença das posições na construção do saber é necessário. Com isso, o pesquisador, ainda que seja o mesmo sujeito presente no corpus, precisa enfrentar a si mesmo como outro, visto que “[...] outro se torna estrangeiro pelo simples fato de eu pretender estudá-lo” (AMORIM, 2004, p. 31).

Nesse sentido, durante as conferências, os autores estavam alocados na posição enunciativo-discursiva de intérpretes assumindo, então, a responsabilidade de mediar a comunicação dos oradores com o público. Porém, durante o estudo aqui apresentado, surgiu a necessidade de deslocamento daquela posição para uma diferente, a de pesquisadores. Nessa nova posição, extrapostos à atividade vivenciada enquanto intérpretes, os autores olham para si como *outros*, isto é, como sujeitos participantes da pesquisa em interação com os demais porque há, nesse sentido, a instauração da diferença de posições e, portanto, de percepções.

A partir desse horizonte metodológico, a análise se encaminhará a partir dos três momentos da interpretação apresentados por Hoza (2010): (i) pré-sessão de interpretação, (ii) interpretação e (iii) pós-sessão. Segundo o autor, o trabalho pode ocorrer de maneira colaborativa e interdependente entre uma equipe de intérpretes em todas essas fases sendo que a primeira etapa estaria relacionada com a preparação da atuação, a segunda com o trabalho de interpretação em si, na mediação linguística e cultural, e a terceira com um período de avaliação sobre a atuação realizada pela equipe de intérpretes.

Em todas essas fases, estratégias, que podem ser definidas como “[...] qualquer ação consciente destinada a melhorar o desempenho na performance do tradutor para uma dada tarefa [...]” (TRYUK, 2010, p. 182)<sup>5</sup>, são utilizadas pelos intérpretes. Nessa perspectiva, descreveremos, na sequência, algumas estratégias observadas durante a interpretação simultânea remota para os três momentos descritos por Hoza (2010) entre as equipes em tela.

## 5 A INTERPRETAÇÃO REMOTA EM EQUIPE EM TEMPOS DE PANDEMIA: ESTRATÉGIAS E REALIDADES

### Pré-sessão da interpretação: a preparação

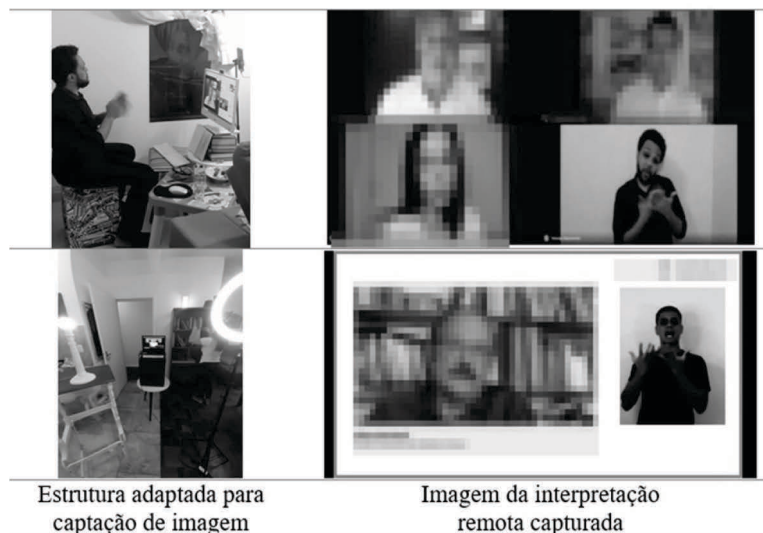
<sup>5</sup> No original: *a specific pattern of behaviour aimed at solving a problem or attaining a goal; it is any conscious action intended to enhance the translator's performance for a given task*

A interpretação de conferências, no modo simultâneo, exige uma preparação minuciosa, pois a carga de informações pode ser particularmente densa. A preparação é o nome dado para as atividades realizadas no período de pré-seção de interpretação. Para Nogueira (2020b, p. 331) “[...] a preparação da interpretação contribui e afeta a qualidade da atividade interpretativa”. Nesse sentido, um estudo do conteúdo que será interpretado, uma apropriação da terminologia utilizada e informações sobre o palestrante e público são aspectos que devem ser considerados. Nessa perspectiva, alguns estudos (GILE, 2009; NOGUEIRA, 2016; 2020; CARVALHO, 2016; SANTOS; LACERDA, 2018) têm colaborado para a compreensão de pontos que os intérpretes devem estar atentos nessa fase indicando sua importância para uma performance que garanta que a informação seja compreendida pelo intérprete durante sua atuação.

Nogueira (2020) relata que a preparação para a atuação dos intérpretes engloba importantes atividades e podem ser separadas em quatro momentos: (i) a preparação física, voz e corpo; (ii) o domínio das modalidades de interpretação; (iii) o espaço de trabalho; (iv) a preparação teórica conceitual. Pela limitação imposta pelo artigo, focaremos na descrição analítica do item (iii) espaço de trabalho e (iv) preparação teórica conceitual.

### 5.1 ESPAÇO DE TRABALHO

No período pandêmico, o fato de os intérpretes estarem em suas residências atuando de forma remota implicou novas formas de preparação. Sobre o espaço de trabalho, conforme já comentado anteriormente, os intérpretes de Libras-Português precisaram se adaptar e investir em equipamentos tecnológicos para o oferecimento de uma interpretação. De imediato, no início da pandemia, soluções caseiras e equipamentos antes usados de forma pessoal, como celular, suportes manuais e adequações de altura como mesas, livros, abajures e outros equipamentos começaram a ser úteis para o oferecimento da interpretação remota. Adaptações de espaços dentro de casa a partir da desmontagem de cômodos residenciais para encontrar paredes com fundos neutros foram formas emergenciais para organizar a interpretação, conforme mostra a figura 5.



**Figura 5:** primeiros arranjos espaciais para a interpretação remota

**Fonte:** arquivos pessoais e YouTube (UNDIME, 2020)

Com o uso de equipamentos improvisados, a qualidade do serviço oferecido era prejudicada, a imagem não era reproduzida com qualidade e sombras apareciam na imagem do intérprete. Logo de início, não havia muitas orientações de como proceder e nem de que forma era possível organizar um espaço possível para a realização da interpretação. Porém, durante a pandemia, a Federação Brasileira das Associações de Tradutores, Intérpretes e Guias-intérpretes da Língua de Sinais (FEBRAPILS, 2020) emitiu a Nota Técnica (NT) 04/2020 para orientar os profissionais sobre interpretação simultânea remota que, somada a NT

anterior, a 02/2017 (FEBRAPILS, 2017), sobre a contratação do serviço de interpretação de Libras-Português, permitiu aos profissionais alguma orientação prática de como proceder na interpretação.

A partir dessa orientação e da própria percepção sobre as necessidades estruturais para a realização da interpretação, houve a necessidade de maior investimento em uma estrutura que permitisse, então, uma melhor captação e transmissão da interpretação. O investimento incluiu a compra de equipamentos de iluminação, de fundo infinito, tripés, câmeras, novos celulares mais potentes e com estrutura de imagem, aumento do plano de internet dentre outros.



**Figura 6:** transmissão como estúdio adequado

**Fonte:** arquivos pessoais e YouTube (InformaSUS UFSCar, 2020)

Com o tempo, os intérpretes foram se aprimorando e se adequando para garantir maior qualidade na captação de imagem. Além disso, a compreensão de que a pandemia não apenas apresentou uma modalidade de interpretação temporária, mas sim, acelerou o processo e a oferta da interpretação remota, fez com que os intérpretes investissem gradativamente em equipamentos mais profissionais.

Um outro aspecto ligado ao espaço de trabalho na interpretação remota tem relação com o manejo de plataformas que não eram usadas antes da pandemia como o *Zoom*, o *Google Meet*, *Stream Yard*, *Teams* e outras. Algumas dessas plataformas não são pensadas para apresentar a língua de sinais exigindo, por parte dos intérpretes a criação de estratégias para garantir que a interpretação seja projetada e o contato entre a equipe seja realizado. Na fase da preparação, a entrada na plataforma antes do evento começar para testar o enquadramento, conversar com a equipe técnica e até mesmo se for possível falar com os oradores é imprescindível. Normalmente, é acordada a entrada em um período de 30 minutos a 1 hora antes do evento para o acerto desses detalhes. Esse momento de combinação prévio tem sido nomeado como *entrada técnica da equipe de intérpretes*.

## 5.2 PREPARAÇÃO TEÓRICA CONCEITUAL

Não existe uma única forma dos intérpretes se preparem sobre a temática de uma conferência. Segundo Nogueira (2020, p.331), “[...] as características diversas da situação de interpretação afetam e condicionam a forma com que o intérprete deve encarar sua preparação”. Nesse sentido, as formas de estudo podem ser adaptadas ao tipo de evento que será interpretado e essa fase não pode ser negligenciada pelos intérpretes.

Um fator que serve de alerta é que as interpretações remotas são gravadas com bem mais frequência que as interpretações que ocorriam de forma presencial e disponibilizadas em plataformas de compartilhamentos de vídeos. Assim, o intérprete deve estar muito bem-preparado para a realização da interpretação, visto que, com o registro, é possível que a interpretação seja revisitada várias vezes pelo público.

Nogueira (2016, p. 113) afirma que a “[...] preparação é a fase de busca por materiais de estudo, relacionados a determinado contexto interpretativo”. Esse momento diz respeito ainda à mobilização da subcompetência extralinguística (PACTE, 2003) que é composta por conhecimentos essencialmente declarativos, sobre o mundo em geral e de âmbitos particulares, conhecimentos (bi)culturais na língua de partida e de chegada, enciclopédicos e temáticos de âmbitos específicos. Além do mais, a subcompetência extralinguística está relacionada “[...] a um saber enciclopédico, do mundo em geral ou de situações específicas e domínio sobre fatos culturais das línguas de partida e de chegada” (NOGUEIRA; GESSER, 2018, p. 126).

Essa apropriação do conteúdo deve ser compartilhada entre a equipe de intérpretes, que individualmente realizam estudos e posteriormente compartilham escolhas e soluções pensadas. No trabalho remoto, as videochamadas entre a equipe é uma forma desse conhecimento ser partilhado. Russel (2011) já afirmava que mesmo em situações que a interpretação ocorre de forma presencial o uso de videochamadas poder ser um recurso estratégico para que os intérpretes de uma mesma equipe interajam e realizem acordos prévios antes do trabalho.

Ferramentas como *WhatsApp*, *Telegram*, *Duo* são exemplos de recursos que as equipes têm usado para combinações prévias. É por meio desses aplicativos de chamada de áudio e vídeo que ocorrem troca de materiais encontrados para estudo, vídeos com soluções pensadas na língua-alvo. O modo como são organizados esses materiais muitas vezes serve como suporte para consulta durante a interpretação, ou seja, se há alguma dúvida durante a atuação quem estiver na função de apoio recorre a esses recursos para lembrar um dos acordos realizados anteriormente.

### 5.3 ACORDOS PRÉVIOS ENTRE AS EQUIPES TÉCNICA E DE INTERPRETAÇÃO

Para que a interpretação ocorra sem grandes imprevistos, acordos prévios entre a equipe de intérpretes e os técnicos são necessários. Conforme já comentado, as plataformas de áudio e vídeo para eventos online não foram criadas pensando especificamente na oferta do serviço de interpretação para línguas de sinais, nesse sentido, sempre existem desafios para os intérpretes e os técnicos que estão pilotando as plataformas durante o evento.

Em algumas conferências, há a necessidade de participação do público para uma boa visualização da interpretação, pois a equipe organizadora solicita ao público que realizem pequenas configurações e fixem a imagem dos intérpretes colocando-os em destaque em relação aos outros participantes. Para isso, o público deve ser informado previamente sobre quem são os intérpretes. Uma das estratégias para que isso aconteça é a identificação dos intérpretes ao entrarem na plataforma com seus nomes e com palavra “intérprete”.

Algumas plataformas como o *Zoom*, em sua versão para webnários, possibilita que mensagens e avisos sejam compartilhados com os participantes na sala de espera, assim, os participantes, ao entrarem, no evento já são informados quem são os intérpretes e como podem fixar as imagens. Abaixo compartilhamos a imagem dessa situação que ocorreu em um evento fechado organizado pelo *Descomplicando o inglês Jurídico* em 26 de junho de 2020 na palestra “Black and White: Tradução e racismo”. Na figura 7, há uma imagem inicial apresentada antes da apresentação sobre como fixar a imagem do intérprete na tela. O evento aconteceu antes do *Zoom* atualizar a plataforma e permitir que mais de duas imagens fossem fixadas como destaque pelo anfitrião. Na figura 8, há as fotos dos intérpretes que atuaram no evento para que o público surdo os identifique dentre as inúmeras janelas e, então, os fixe na tela.

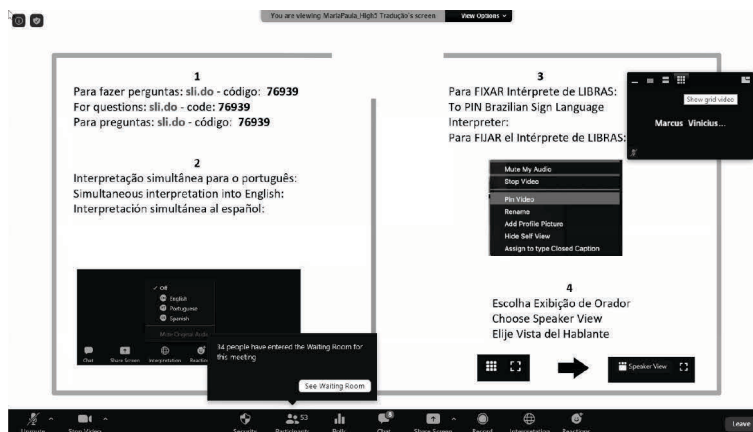


Figura 7: informação sobre fixação dos intérpretes

Fonte: arquivos pessoais



Figura 8: slides com identificação dos intérpretes

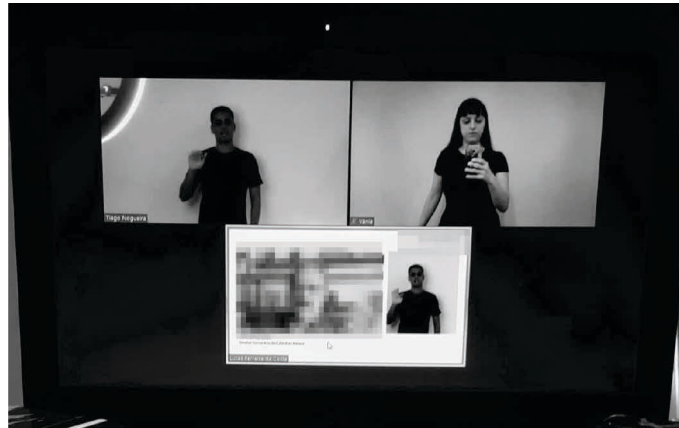
Fonte: arquivos pessoais

Nessas situações em que o público necessita fixar a imagem transmitida do intérprete, se torna necessário que o intérprete deixe evidente que irá trocar o turno da interpretação, assim, a imagem fixada pode ser alterada. Acordos para troca de turno precisam ficar claro para os membros da equipe e esses acordos podem ocorrer por tempo ou pela programação alternando, por exemplo, pelas falas dos oradores. Muitos desses acordos dependem de como a interpretação está sendo transmitida.

A nota técnica 04/2020 da Febrapils apresenta dois cenários para atuação dos intérpretes em trabalhos remotos. O primeiro, são videoconferências com a interpretação somente para a direção língua de sinais. Nessa modalidade não ocorre muitas interações entre os participantes e normalmente é pelo *chat* que acontece a interação entre os oradores e os interlocutores. São exemplos de eventos que se enquadram nesse formato seminários, palestras, pronunciamentos e similares transmitidos ao vivo e via *streaming*. O segundo cenário descrito pela Febrapils são videoconferências com menor número de participantes e as interpretações ocorrem nas duas direções, língua de sinais e língua vocal com interação constante entre os participantes. São exemplos desse tipo de evento, reuniões, atividades culturais, treinamento, assembleia.

Eventos que se enquadram nesses cenários ainda podem ocorrer de duas formas: os intérpretes fazem a entrada na mesma sala que todos os oradores e normalmente eles mesmos controlam a troca do turno de interpretação, nesse caso, ligam a câmera quando vão pegar o turno da interpretação e desligam câmera quando o outro colega assume, ou também entram em uma sala em separado e a equipe técnica recorta a imagem exibida nessa sala e transmite com edição para a plataforma de acesso do público.

Abaixo um exemplo em que os intérpretes estão em uma sala de videoconferência exclusiva, recebem o áudio e imagem da conferência e interpretam. A interpretação é retransmitida com edição de janela.

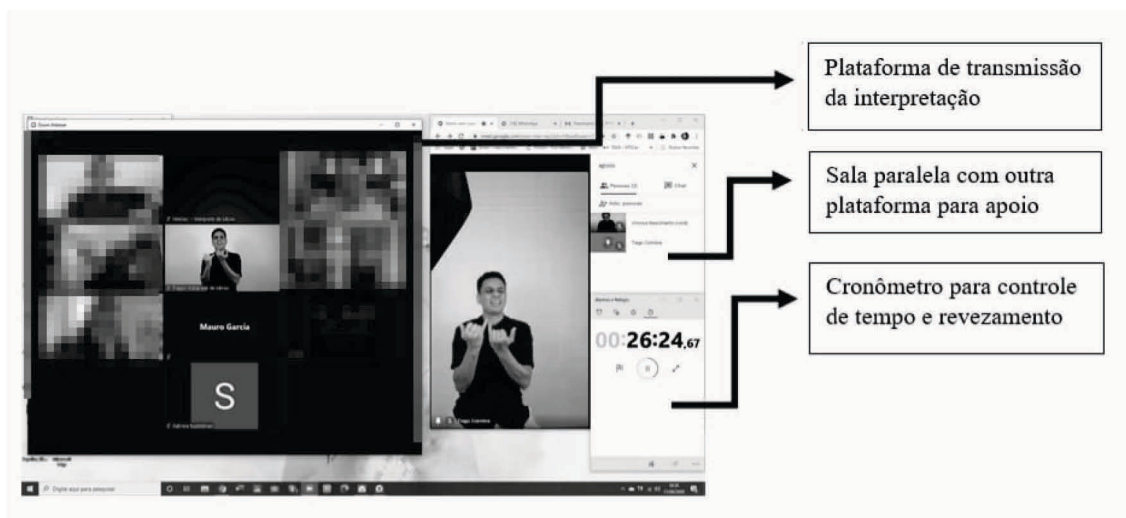


**Figura 9:** Intérprete em sala exclusiva com o recorte a imagem dos intérpretes pela equipe técnica para ser transmitida em uma janela de Libras

**Fonte:** arquivos pessoais

Nesse caso, como apenas a imagem do intérprete do turno está sendo transmitida para o público em geral, eles podem se apoiar e ficar com as câmeras abertas em todo o tempo. As câmeras também devem ficar abertas, pois os técnicos antes da conferência regulam o ponto de recorte da imagem para a transmissão. Caso sejam desligadas algo que previamente estava configurado pode acabar desconfigurando.

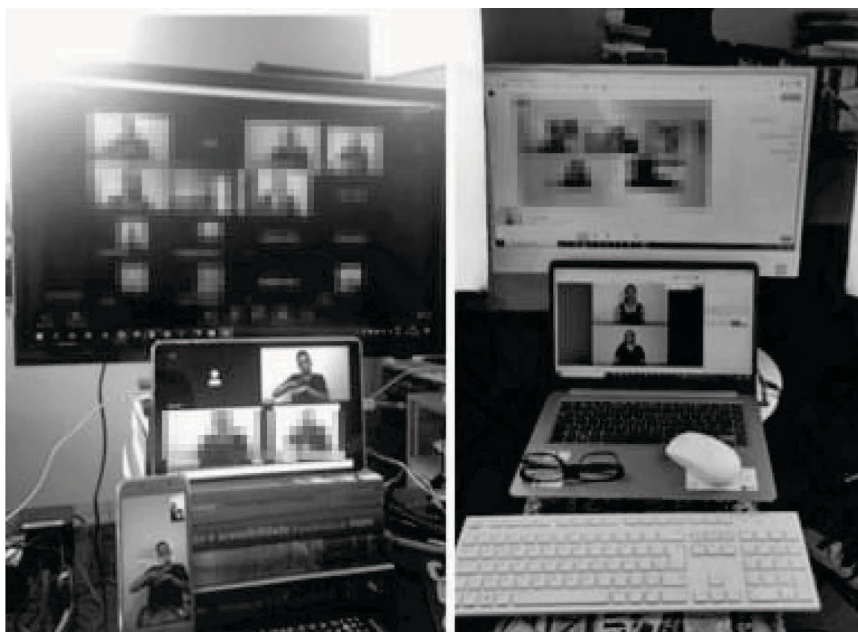
Em situações em que os intérpretes estão na mesma sala que os oradores, como estratégia para apoio e interação entre a equipe utilizam alguma ferramenta externa para comunicação entre os intérpretes. Outra plataforma de videoconferência pode ser uma possibilidade quando o intérprete divide sua tela em duas para acompanhar o apoio. Também é possível o uso de um equipamento extra, outro dispositivo, como um celular ou tablet conectado em uma ferramenta de videochamada. Nessas situações a câmera na plataforma de transmissão de interpretação para o público só fica ligada durante o turno de interpretação.



**Figura 10:** Uso de duas salas simultâneas para realização de trabalho em equipe

**Fonte:** arquivos pessoais





**Figura 11:** Uso de diferentes equipamentos para a interpretação em equipe

**Fonte:** arquivos pessoais

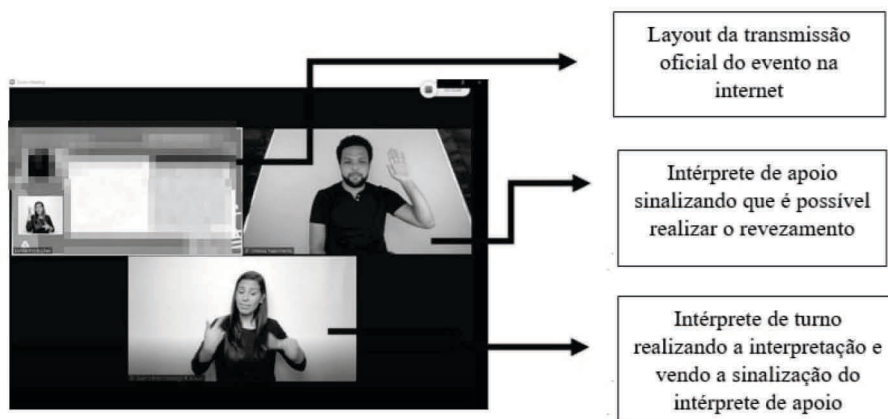
Um das vantagens de estar sempre em contato com seu colega de equipe é que caso aconteça alguma instabilidade na conexão ou outro imprevisto o intérprete que está acompanhando pode assumir a função do turno prontamente. Essa estratégia possibilita que os intérpretes consigam se apoiar durante toda a conferência. Algumas equipes estão usando um formato aberto, ou seja, a câmera do intérprete do turno e apoio ficam ligadas ininterruptamente. Nessa situação o nível de exposição é maior, pois mesmo quando o intérprete não está no turno ele continua sendo visto pelos participantes.

#### 5.4 INTERPRETAÇÃO: OS DESAFIOS DO INTÉRPRETE DE TURNO

Em situações em que as imagens dos intérpretes estão sendo recortadas e transmitidas para o público, a troca de turno precisa estar muito bem acordada tanto entre a equipe de interpretação quanto com a equipe técnica. Uma das funções do intérprete que está na função de apoio é controlar o tempo do revezamento da interpretação. Aos que necessitam que o técnico alterne a imagem transmitida, o intérprete do turno o informa que a troca irá acontecer nos próximos minutos e esse informe pode ser por mensagem privada na plataforma ou mensagem em um grupo de interação em algum aplicativo de comunicação. O técnico ao ver a mensagem aguarda para que troca aconteça.

Nesse caso, o intérprete, que estava na função de apoio, faz um gesto que informa seu colega do turno que a troca pode ser feita, frequentemente o gesto tem sido uma mão levantada. O intérprete que está no turno ao ver o gesto busca uma pausa no discurso para que possa passar o turno da interpretação para seu colega, assim, os intérpretes ficam em posição de pausa. O técnico observando que os dois intérpretes estão em posição de pausa troca a imagem do intérprete a ser exibida para o público. Ao acompanhar que a imagem foi alterada o intérprete inicia a interpretação. Esse processo ocorre de forma rápida para que omissões e perdas não ocorram.

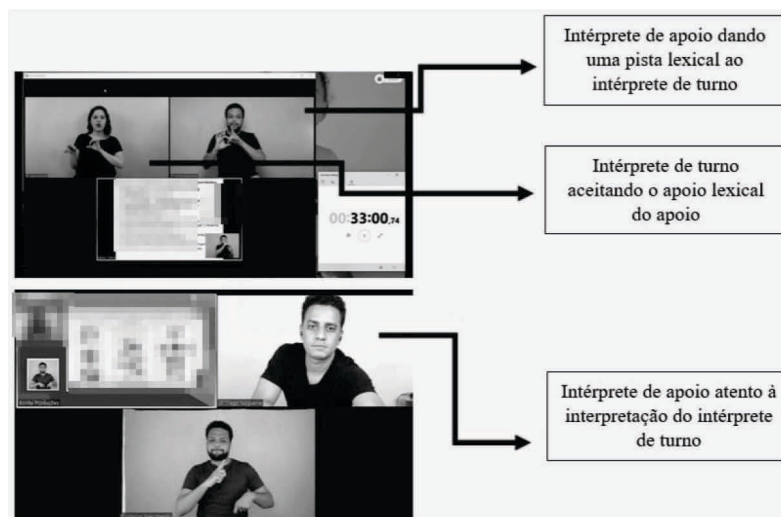




**Figura 12:** Revezamento na interpretação remota com o uso da mesma plataforma

Fonte: arquivos pessoais

O uso da mesma plataforma permite também à equipe um contato mais confortável dada a boa visualização do intérprete de turno ao apoio e do apoio ao turno. Além disso, o colega que está no turno mantém os olhos direcionados para a altura da câmera no computador evitando, nesse sentido, o desvio do olhar para o recebimento do apoio, conforme mostra a figura 13:



**Figura 13:** Realização de apoio durante a interpretação remota

Fonte: arquivos pessoais

As formas de apoio que foram identificadas por Nogueira (2016) também podem ser observadas na interpretação remota como, como por exemplo, o *feedback com a cabeça* que sinaliza confirmação e concordância com a escolha do intérprete de turno, *esclarecimento específico*, quando o intérprete de apoio realiza alguma expansão conceitual por meio da produção de uma unidade fraseológica para que o intérprete de turno compreenda o que foi dito, *correção*, quando o intérprete de apoio percebe algum equívoco na interpretação do colega de turno e *complemento*, quando o intérprete de apoio percebe que algo poderia ser acrescentado na interpretação do colega de turno.

Durante a interpretação, o intérprete de turno também precisa ficar atento à sua própria conexão de internet que, devido a diversos fatores, pode desestabilizar. Esse é um dos motivos estressores durante a interpretação remota, conforme mostra Alley (2012). A preocupação com os equipamentos, com as informações a serem interpretadas, bem como com as imagens que estão sendo projetadas durante a fala do orador são aspectos que podem desestabilizar o intérprete do turno gerando mais esforço cognitivo e cansaço.

Além disso, a visibilização dos intérpretes é um aspecto central na interpretação remota, pois, antes da pandemia, dificilmente os intérpretes eram nomeados, agradecidos ou evidenciados em conferências para além do fato de ele já estar no palco. Com a interpretação remota, o nome do intérprete fica disposto na tela e, geralmente, os apresentadores, dada as necessidades apresentadas do público saber quem são os intérpretes, apresentam a equipe e agradecem o trabalho. Nesse prisma, a equipe de intérpretes possui não apenas a sua imagem exposta e o conteúdo da interpretação, mas sua identidade nominal também.

#### 5.5 PÓS-SESSÃO: MOMENTO DE AVALIAÇÃO, COLABORAÇÃO E TROCA DE EXPERIÊNCIAS

Em plataforma diferente da que foi oficialmente transmitida a conferência, geralmente na sala que foi utilizada para o apoio, os intérpretes conversam sobre os desafios da interpretação, os problemas de conexão de internet que porventura tenham vivenciado durante o evento. Esse momento extremamente importante tem permitido o alinhamento das experiências e o aperfeiçoamento da prática sendo, nessa direção, um importante espaço de caráter formativo e colaborativo. Segundo Nascimento (2021), o encontro entre intérpretes é o que permite o acabamento e completude do outro enquanto intérprete, visto que ambos vivenciam os mesmos dramas da atividade. Em um contexto completamente novo que precisou ser apreendido na prática, na mudança e na emergência, o momento de encontro pós-interpretação é fundamental para consolidar as experiências, os saberes construídos durante a vivência e a normalização inevitável de alguns aspectos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos propomos, nesse artigo, a descrever e registrar algumas dimensões presentes durante a interpretação simultânea remota de Libras-Português em conferências durante a pandemia de COVID-19 causada pelo novo coronavírus. Como foi possível perceber, a experiência de construção dessa modalidade interpretativa nasceu na emergência e urgência imposta pela realidade sanitária vivenciada em todo o mundo.

Assim como outras categorias profissionais, os intérpretes de Libras-Português precisaram se readaptar e reaprender a fazer interpretação nesse cenário permitindo, então, a partir da inevitável realidade do distanciamento social, a construção de um saber totalmente ancorado na prática. Apesar de existirem publicações em âmbito internacional que apontem a interpretação remota como uma realidade, no Brasil, essa experiência ganha força com a pandemia mobilizando a categoria a pensar sobre sua atuação a partir da imposição contextual de emergência.

Um exemplo dessa reflexão foi a rápida atuação da Febrapils para orientar os intérpretes nesse novo contexto ocupando um *vazio de normas* (SCHWARTZ, 2010; NASCIMENTO, 2014) diante da realidade pandêmica. Nosso lugar de fala nesse texto demonstra, também, a preocupação não apenas com a prática da interpretação, mas sobretudo com a formação de novos profissionais que vivenciarão um contexto de trabalho diferente no cenário pré-pandemia.

Há que se pensar, diante disso, que novas competências serão mobilizadas pelos intérpretes nesse novo cenário implicando, com isso, estudos, pesquisas e descrição de experiências que permitam o mapeamento dessas competências, pois não há dúvidas de que a interpretação remota de conferências veio para ficar e se consolida como mais uma possibilidade de oferta de interpretação.

No cenário plurilíngue, pluricultural e plurisemiótico que se coloca com o contexto pandêmico, a interpretação que, há muito tempo, se enquadra no que é possível denominar de direitos linguísticos, conforme apregoa a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, ganha um novo contorno, uma nova forma de realização e de produção e é nessa direção emergente imposta pelo contexto sanitário que intérpretes e formadores de intérpretes precisarão compreender e olhar para a interpretação de uma nova perspectiva. O “novo normal”, nessa direção, já é uma realidade para intérpretes de Libras-Português.

## REFERÊNCIAS

ABREU, R. N. Direito linguístico: um olhar sobre as suas fontes. *Revista A Cor das Letras*, v. 21, n. 1, p. 172-184, 2020. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasleytras/article/view/5230>. Acesso em: 26 jul. 2021.

ALBRES, N. A. Mesclagem de voz e tipos de discursos no processo de interpretação da língua de sinais para o português oral. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 291-206, 2010. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p291>. Acesso em: 30 abr. 2021.

ALLEY, E. Exploring Remote Interpreting. *International Journal of Interpreter Education*. v. 4, n. 1, p. 111-119, 2012. Disponível em: <http://www.cit-asl.org/new/exploring-remote-interpreting/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa, 2004.

ANTUNES, M. A. A proteção jurídica dos direitos linguísticos: uma abordagem multidisciplinar. *Revista da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo*. São Bernardo v. 12, p. 253-269, 2006. Disponível em:

<https://revistas.direitosbc.br/index.php/fdsbc/article/view/310/214>. Acesso em: 26 jul. 2021.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p.3-186.

BRAUN, S. Remote Interpreting. In: MIKKELSON, H.; JOURDENAIS, R. (ed.). *Routledge Handbook of Interpreting*. London/New York: Routledge, 2015. p. 1-18.

CAVALLO, P.; REUILLARD, P. C. R. Estudos da Interpretação: tendências atuais da pesquisa brasileira. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 32, n.1, p. 353-368, 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/33199>. Acesso em: 30 abr. 2021.

CARVALHO, L. R. *Revisão Bibliográfica sobre métodos de preparação do intérprete para interpretação*. Interpret2B Publicações, 2016.

FEBRAPILS. Nota Técnica (NT) 04/2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Zap62uLDTI7TPKnDedaO9Z0k0I0rmvWf/view>. Acesso em: 26 jan. 2022.

FEBRABILS. Nota Técnica (NT) 02/2017. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B3eZnKrWC6hcWnAyd3FIU2VFQmc/view>. Acesso em: 21 jan. 2022.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GILE, D. Chapter 1. Translation Research versus Interpreting Research: Kinship, Differences and Prospects for Partnership. In: Schäffner C (ed.). *Translation Research and Interpreting Research*. Bristol, Blue Ridge Summit: Multilingual Matters; 2004. p.10-34. Disponível em: <https://doi.org/10.21832/9781853597350-003> Acesso em 30 abr. 2021.

GILE, D. *Basic concepts and models for interpreter and translator training*. 2. ed. Philadelphia and Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2009.

GOMES, E. A. Conferências como âmbito de atuação de intérpretes de Libras-Língua Portuguesa do Brasil: o que se tem produzido a respeito?. *Tradterm*, 33, p. 123-140, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v33i0p123-140>. Acesso em: 30 abr. 2021

INFORMASUS UFSCAR. *Experiências de APS na pandemia: povos da água - o Abaré nos rios amazônicos*. 1 vídeo. Transmitido em 1º out. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=45RbomIdVm4>. Acesso em: 26 jan. 2022.

HOZA, J. *Team Interpreting*. Alexandria: Rid Press, 2010.

JESUS, R. B. “*Ei, aquele é o intérprete de libras?*”: atuação de intérpretes de libras no contexto da saúde. 2017. 241 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

MARQUES, R. F. *Interpretação remota durante a pandemia do coronavírus: um relato de experiência de interpretação no ensino superior*. 2020. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Libras) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

MELLO, D. Home office foi adotado por 46% das empresas durante a pandemia *Agência Brasil*, 28 jun. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/home-office-foi-adotado-por-46-das-empresas-durante-pandemia> . Acesso em: 26 jan. 2022.

MOSER-MERCER, B. Remote Interpreting: Issues of Multi-Sensory Integration in a Multilingual Task. *Meta*, v. 50, n.. 2, p. 727–738, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/011014ar>. Acesso em: 20 abr. 2021.

MOUZOURAKIS, T. That feeling of being there: Vision and presence in remote Interpreting. AIIC, 2003. Disponível em: <http://www.aiic.net/ViewPage.cfm/article911> Acesso em 29/04/2021.

MOUZOURAKIS, P. Remote Interpreting: A Technical Perspective on Recent Experiments. *Interpreting*. v. 8, n. 1, p. 45–66, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/intp.8.1.04mou> Acesso em: 29 abr. 2021.

NASCIMENTO, V.; NOGUEIRA, T. Interpretação de conferências: diferenças e semelhanças na atuação de intérpretes de línguas de sinais de línguas orais na cabine. 2017. Trabalho apresentado no 8º Congresso Internacional da ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes), São Paulo, 2017.

NASCIMENTO, V. Dimensão ergo-dialógica do trabalho do tradutor intérprete de Libras/Português: dramáticas do uso de si e debate de normas no ato interpretativo. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1121-1150, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbla/v14n4/aop6314.pdf> Acesso em: 30 abr. 2021.

NASCIMENTO, V. Consumo da cultura audiovisual por surdos: perfil sociolinguístico e questões para planejamento de políticas linguísticas e de tradução. *Travessias Interativas*, São Cristóvão, n. 22, v. 10, p. 386-406, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.51951/ti.v10i22> Acesso em: 30 abr. 2021.

NASCIMENTO, V. Alteridades, discursos e saberes na formação de intérpretes de Libras-Português experientes. *Belas Infieis*, Brasília, n. 2, v. 10, 0. 01-26, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/28504> Acesso em: 28 jan. 2022.

NASCIMENTO, V.; OLIVEIRA, G. N.; SANTOS, L. F.; SOUZA, J. C.; FORNARI, R. V. Tradução e interpretação de português-libras na rede InformaSUS-UFSCar: direito à informação para surdos em tempos de COVID-19. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, Número Especial, p. 61-82, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/107103/61718>. Acesso em: 26 jul. 2021.

NOGUEIRA, T. C. Intérpretes de Libras-Português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine. 2016. Dissertação. (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

NOGUEIRA, T. C.; GESSER, A. “As pessoas não sabem o significado de apoio”: percepções e competências no trabalho em equipe na cabine de interpretação libras-português em contexto de conferência. *Translatio*, Porto Alegre, n.15, p. 122-158, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/84221/48578> Acesso em: 28 jan. 2022.

NOGUEIRA, T.C. “É tudo igual?” *A interpretação de conferências e a necessidade de se explorar esse contexto*. 2020a. Palestra no 2º Encontro Baiano de Tradutores, Intérpretes e Guias-intérpretes de Línguas de Sinais, Bahia, 2020a.

NOGUEIRA, T. C. Atividade de Preparação para Intérpretes de Libras-Português em Conferências. In: RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. (org.). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais V*. Florianópolis: Insular, 2020b. p. 331-348.

OLIVEIRA, D. R. *Do fim do trabalho ao trabalho sem fim: o trabalho e a vida dos trabalhadores digitais em Home Office*. 2017. 196 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

PACTE (*Process in the Acquisition of Translation Competence and Evaluation*). *Building a Translation Competence Model*. In: ALVES, F. (ed.). *Triangulating Translation: perspectives in process oriented research*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 37-6

PAGURA, R. J. A interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática e a formação de intérpretes brasileiros. Tese. 232 f. (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-09022011-151705/publico/2010\\_ReynaldoJosePagura.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-09022011-151705/publico/2010_ReynaldoJosePagura.pdf). Acesso em: 30 abr. 2021.

PEREIRA, M. C. P. Estudos da Interpretação: quem tem medo das línguas de sinais? *Tradução em Revista*, n. 24, p. 1-21, 2018. Disponível em: [10.17771/PUCRio.TradRev.34524](https://doi.org/10.17771/PUCRio.TradRev.34524). Acesso em: 30 abr. 2021.

PÖCHHACKER, F. *Introducing Interpreting Studies*. Londres: Routledge, 2004.

PÖCHHACKER, F. Conexões fundamentais: afinidade e convergência nos Estudos da Interpretação. Trad. Mylene Queiroz. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, n. 7, p. 61-75, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2010n7p61> Acesso em: 30 abr. 2021.

REIS, A. F. Pandemia e confinamento: o trabalho conectado em tempo integral. *Boletim de conjuntura (BOCA)*, Boa Vista, v. 5, n. 15, p. 67-80, 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.5281/zenodo.4569208>. Acesso em: 20 abr. 2021.

RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. *Revista da ANPOLL*, Florianópolis, v 1, n. 44, p. 111-129, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i44.1146> Acesso em: 20 abr. 2021.

RUSSEL, D. *Team Interpreting: Best Practices*. AVLIC, 2011. Disponível em: [https://www.avlic.ca/sites/default/files/docs/2011-07Team\\_Interpreting\\_Best\\_Practices\\_Article-by\\_Debra\\_Russell.pdf](https://www.avlic.ca/sites/default/files/docs/2011-07Team_Interpreting_Best_Practices_Article-by_Debra_Russell.pdf). Acesso em: 30 abr. 2021.

SANTIAGO, V. A. A. A interpretação de Libras para português em conferência: uma reflexão a partir do olhar do palestrante surdo. In: Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, 5, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/2016/3626.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SANTOS, R. F. F. A atuação do intérprete de Libras em tempos de pandemia: reflexões acerca de possibilidades e desafios. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA – CINTEDI. *Anais*. (IV). Campina Grande, 2020. Disponível em:

<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72309>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SANTOS, K. A. S.; LACERDA, C. B. F. O intérprete de libras-português no contexto de conferência: reflexões sobre sua atuação. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*. São Paulo, v. 13, n. 2, p. 63-82, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/35404/26554>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SCHWARTZ, Y. A experiência é formadora? *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 35-48, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/11030/7181> Acesso em: 28 jan. 2022.

SILVEIRA, S. M. L.; ROSSI, R. A.; VUONO, G. D. D. Pandemia: (mesmos) modos de morar e trabalhar? *Revista Políticas Públicas & Cidades*, Belo Horizonte, V. SPEC., p. 1-5, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.23900/2359-1552v1n1-5-2020>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SPARANO-TESSER, C. R. Reflexões sobre professores e tradutores/intérpretes de Libras em tempos de COVID-19: experiência multimodal no uso da mídia visual em reuniões de formação pedagógica. In: LIBERALI, F. C.; FUGA, V. P. DIEGUES, U. C. C.; CARVALHO, M. P. (org.) Educação em tempos de pandemia: brincando com um mundo possível. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 31-39.

TRYUK, M. Strategies in Interpreting. Issues, Controversies, Solutions. *Lingwistyka Stosowana/ Applied Linguistics/Angewandte Linguistik*, Varsóvia, n. 2, p. 181-194, 2010. Disponível em: <http://cejsh.icm.edu.pl/cejsh/element/bwmeta1.element.desklight-46aaf4b2-a674-4c78-8961-be2c4ac4ca87> Acesso em 28 jan. 2022.

UNDIME. Undime pelo Novo Fundeb. 1 vídeo. Transmitido em 17 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ocXtrgHus8c>. Acesso em: 26 jan. 2022.

VOGES, M. C.; DI FANTI, M. G. C. Usos de si no ensino remoto emergencial: a atividade docente sob os enfoques dialógico e ergológico. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 45, n. 86, p. 193-205, 2021. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/15653>. Acesso em: 20 abr. 2021.

VOLOCHÍNOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.



Recebido em 04/05/2020. Aceito em 29/07/2021.